

A Luta com Armas No Coração Seguro na Ventura

written by José Paulo Santos | 6 de Fevereiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Há duas palavras que dançam no ar no domingo de Fevereiro, carregadas de sentidos que se cruzam como caminhos na neblina: Seguro e Ventura. Uma promete ancoragem; a outra, horizonte. Uma fala de raízes; a outra, de vento. Mas entre elas não há neutralidade poética – há uma escolha civilizacional. E Portugal, na quietude das suas assembleias de voto, saberá distinguir entre a segurança que liberta e a aventura que aprisiona.

Seguro não é um mero adjetivo. É um substantivo vivo: é o chão firme da Constituição que acolhe todos os sonhos, mesmo os contraditórios; é a garantia de que nenhum cidadão será reduzido a inimigo por pensar diferente; é a força serena de quem guarda a chama democrática sem a transformar em fogueira de purificação. Seguro é o Presidente que não pertence a uma

tribo, a uma claque ou seita, mas ao país inteiro – aquele que, ao jurar cumprir a Constituição, entende que jurou servir o carteiro de Mirandela com a mesma fidelidade com que serve o empresário do Porto e dos Algarves. É a segurança que não anestesia, mas protege: protege o direito à greve como protege o direito ao trabalho; protege a crítica como protege a ordem; protege a memória de Abril como protege o futuro que ainda não nasceu. Esta segurança não é medo disfarçado – é coragem instituída. É a coragem de saber que a democracia não precisa de salvadores: precisa de guardiões.

Ventura, por seu turno, traz no nome a sedução do acaso. Soa a sorte grande, a jogo de dados na mesa da História. Mas há aventuras que não são viagens – são quedas. Há venturas que não abrem portas – trancam-nas com sorriso nos lábios. Quando a política se transforma em ventura, o risco deixa de ser criativo para se tornar predatório: promete mundos e fundos ao descontente, mas cobra depois o preço mais alto – a liberdade de pensar, a dignidade de discordar, a humanidade de acolher. A verdadeira aventura democrática não é o salto no escuro; é o caminho iluminado passo a passo, com a lanterna da razão e a bússola da justiça. O que alguns chamam ventura é, na verdade, a ilusão de que problemas complexos se resolvem com soluções simples – e essa ilusão já custou demasiado sangue à Europa no século passado.

No dia 8 de Fevereiro, próximo domingo, Portugal não escolhe entre dois nomes. Escolhe entre duas ideias de país: um Portugal seguro na sua diversidade – onde a democracia é casa comum, não fortaleza sitiada; ou um Portugal à mercê da ventura – onde a promessa de ordem esconde a vontade de mordaaça. E esta escolha não é técnica: é visceral. É a inteligência do corpo que, tendo conhecido a noite, reconhece o cheiro da madrugada – e recua instintivamente perante o nevoeiro que anuncia tempestade.

Por isso, vota-se com armas no coração: a memória dos que não puderam escolher; a esperança dos que ainda acreditam na

palavra, na honra, como arma de construção; a alegria serena de quem sabe que a liberdade não é um dado adquirido, mas um rio que se renova com cada gesto cívico. E quando o boletim cair na urna, não será apenas um voto – será um juramento silencioso: juramos que Portugal continuará a ser um país onde a Constituição é sagrada não por ser imutável, mas por ser viva; onde o Presidente é de todos, não de alguns, sem exceção, incluindo os imigrantes; onde a segurança democrática não é prisão, mas condição para voar.

Que a segurança vença. Não a segurança do medo, mas a segurança da liberdade. Não a segurança que cala, mas a que protege a voz do outro. Porque um país seguro na sua democracia é um país que pode aventurar-se – sim, aventurar-se – na inovação, na justiça social, na beleza, no diálogo com o mundo. Mas essa aventura só é possível quando o chão não treme sob os nossos pés. Quando sabemos que, aconteça o que acontecer, a palavra prevalecerá sobre a força, o direito sobre o arbítrio, a humanidade sobre o ressentimento.

Com armas de coração – memória, esperança, alegria – Portugal caminhará para as urnas. Não como massa informe, mas como povo consciente. Sabendo que a verdadeira força não está em quem grita mais alto, mas em quem escuta com mais profundidade. Sabendo que o futuro não se conquista com aventuras arriscadas, mas com a coragem serena de construir, dia após dia, uma casa onde todos caibam.

Porque no fim, só há uma ventura digna deste nome: a aventura de sermos livres. E essa aventura só floresce num solo seguro – o solo sagrado da democracia que, desde Abril, jurámos nunca mais entregar.